

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

ALEXANDRE DE SOUZA FORTIS

**A PRÁTICA DO JIU-JITSU BRASILEIRO PARA CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre

2024

ALEXANDRE DE SOUZA FORTIS

**A PRÁTICA DO JIU-JITSU BRASILEIRO PARA CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação Física
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito para obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física

Orientadora: Lisandra Oliveira e Silva

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por estar vivo e poder experimentar esse momento tão importante em minha trajetória de vida. Por me guiar, me proteger e me abençoar durante toda essa jornada... fortalecendo meu espírito diariamente através da Palavra com coragem, humildade, sabedoria, discernimento, amor e fé.

Agradeço minha esposa Tayana por todo empenho e Amor que dedicou a nossa família em todos os momentos que vivemos juntos ao longo da graduação.

Dedico esse trabalho ao amor da minha vida, meu amado filho Joaquim que me motiva todos os dias a ser uma pessoa melhor.

Agradeço a minha Mãe e meus Irmãos por compartilharmos momentos de muito Amor e carinho durante a formação de nossa família. Fica um agradecimento especial ao meu Amado Pai, Sr. Odone por sempre acreditar em mim e sempre sonhar que um dia o Alexandre se formaria na “URGS”.

Meu coração enche de alegria em poder agradecer todos meus Alunos e Amigos que me auxiliaram a não desistir de meus objetivos durante todo esse tempo destinado à minha formação acadêmica.

Agradeço a Professora Lisandra por me orientar ao longo de toda essa jornada me auxiliando em todos os momentos que vivenciamos juntos durante essa maravilhosa função de educar com carinho, compreensão e amor ao próximo.

Agradeço à Universidade Federal, aos meus professores, minhas professoras, meus colegas extensionistas e à sociedade por oportunizarem meus estudos ao longo desses dez anos de formação acadêmica.

RESUMO

A pesquisa realizada procurou entender se existe crianças no espectro autista praticando jiu-jitsu Brasileiro em academias na cidade de Porto Alegre. O Trabalho visa compreender a possível importância da prática do Jiu-Jitsu Brasileiro para o atendimento de crianças de 06 a 11 anos que estão dentro do Espectro Autista. Metodologicamente trata de uma pesquisa qualitativa exploratória. As informações foram obtidas através de questionário, entrevista e registros em diário de campo, análise de documentos e observação participante. A busca por terapias alternativas que contemplem o processo terapêutico dessas crianças é de grande importância para os pais, mães e/ou responsáveis, que encontram nas terapias individuais uma poderosa ferramenta de desenvolvimento físico, mental e cognitivo. Entretanto, quando pensamos no processo de interação social com seus pares, encontramos uma dificuldade em oferecer terapias onde a criança encontre situações em que o coletivo se torne uma ferramenta de construção social e afetiva. Como resultado da pesquisa foi possível identificar que a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro colabora com o processo de inclusão, de modo a proporcionar interações das crianças típicas e atípicas durante as aulas.

Palavras chaves: Espectro autista, Jiu-Jitsu Brasileiro, Infância, Inclusão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1.APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA.....	7
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2 OBJETIVOS.....	9
1.2.1 Objetivo geral.....	9
1.2.2 Objetivos específicos	9
2 REVISAO DE LITERATURA.....	11
2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE PARA AS CRIANÇAS.....	13
2.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	14
2.3 HISTÓRIA DO JIU-JITSU NO BRASIL E EM PORTO ALEGRE	16
2.4 INTERAÇÃO INSTRUTOR E ALUNO NA PRÁTICA ESPORTIVA E NO JIU-JITSU BRASILEIRO	17
2.5 INTERAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS NO JIU-JITSU.....	18
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	19
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	19
3.3 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES	18
3.3.1 Questionário.....	20
3.3.2 Diário de Campo	21
3.3.3 Entrevista	22
4 ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	24
4.1 Inclusão de crianças com Espectro Autista nas aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro.....	24
4.2 Formação docente e interação entre as crianças	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES	
APÊNDICE A - Roteiro de perguntas via google meet.....	36
APÊNDICE B - Roteiro de questões do questionário aberto online.....	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procura compreender como a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro, em academias na cidade de Porto Alegre, pode colaborar com o processo de inclusão e de desenvolvimento de crianças de 06 a 11 anos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O interesse pela pesquisa surgiu a partir de uma necessidade pessoal em buscar uma nova terapia para meu filho que está dentro do espectro autista. As terapias indicadas, por exemplo a terapia da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), têm um custo elevado e não está acessível a todas as crianças dentro do Espectro Autista.

Souza (2020) colabora com o entendimento que o volume exigido e os custos associados a esse modelo de intervenção geralmente o tornam inacessível para uma grande proporção da população afetada, principalmente em países com precário apoio governamental, como o Brasil. De acordo com a reportagem de Larissa Roso (ZH Vida, 2024), a terapia baseada no método de Análise do Comportamento Aplicada, conhecida como ABA (sigla a partir do nome original em inglês, *applied behavior analysis*), que busca reforçar comportamentos positivos, é impossível de se encaixar no orçamento da imensa maioria das famílias. O valor de cada hora se assemelha ao de consultas com outros profissionais de saúde — em torno de R\$ 250 —, mas o que inviabiliza o pagamento é a quantidade de sessões necessárias, que conforme indicações médicas devem cumprir de 10 a 40 horas semanais.

Acredito que essa pesquisa possa auxiliar a compreender como a prática esportiva, e em especial o Jiu-Jitsu Brasileiro, possa ser pensada uma ferramenta de auxílio terapêutico a crianças dentro do espectro autista.

O transtorno do espectro autista está cada vez mais incluído dentro de nossa sociedade. A prática corporal sistematizada tem a função de auxiliar crianças, jovens e adultos em seu processo de desenvolvimento físico. O trabalho escolheu a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro porque a arte marcial faz parte de minha rotina de vida e profissional há mais de 30 anos. Conheço uma boa parte da história da arte marcial da cidade de Porto Alegre que favoreceu a construção do processo de investigação.

Atualmente, a prática do jiu-jitsu está enraizada em todos os bairros da cidade de Porto Alegre. Hoje contamos com uma grande pluralidade de praticantes de jiu-jitsu,

acolhendo uma significativa diversidade de alunos, formando, assim, uma comunidade marcial.

Dentro dessa comunidade os alunos têm a prerrogativa de seguir um perfil ético e moral compartilhado no ensino das artes marciais. As academias carregam em sua construção social uma ideia de comunidade muito forte. A prática torna-se uma ferramenta de inclusão social muito significativa, tornando o aluno pertencente ao grupo social que o acolhe de forma segura e respeitosa por muitos anos.

Observo a partir de minha prática em academias de Jiu Jitsu Brasileiro que a criança está muito engajada no processo em aprender essa arte marcial, pois seguem o exemplo dos pais que levam seus filhos(as) para praticarem este esporte praticado por eles(as) ao longo de sua vida. A maioria das academias contam com diversos horários para o atendimento de crianças de idades de 03 a 11 anos.

Embora considere importante salientar o significado da prática marcial no desenvolvimento de seus praticantes, pergunto-me se existem crianças com TEA incluídos neste quadro discente.

Mendonça (2019) afirma, durante o Simpósio Nacional sobre Neurodiversidade da Universidade Siracusa, que neurodiversidade é o conceito segundo o qual as diferenças neurológicas devem ser reconhecidas e respeitadas como qualquer outra variação humana. Essas diferenças podem incluir dispraxia, dislexia, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, discalculia, espectro do autismo, síndrome de Tourette, dentre outras manifestações. A neurodiversidade é uma abordagem que valoriza as diferenças individuais e procura promover a inclusão e a aceitação das pessoas com TEA e outras condições neurológicas.

Durante a realização dessa pesquisa, usarei os termos criança típica e criança atípica com o objetivo de entender e propor uma familiarização com as definições e termos usados frequentemente para caracterizar o espectro do autismo. "Atípico e típico" são termos cada vez mais populares entre pais, mães, médicos, professores e educadores para definir características que diferenciam o aprendizado de crianças e adolescentes com deficiência, autismo e outras características atípicas. Crianças típicas são aquelas que não possuem problemas de desenvolvimento neurológico, enquanto crianças atípicas lidam com diferentes alterações relacionadas ao desenvolvimento neurológico (Uol Ecoa, 2021).

As crianças atípicas contam com uma multiplicidade de oferta de terapias individuais que colaboram com seu desenvolvimento, porém, não as vejo incluídas em práticas individuais que possam auxiliar concomitante no processo de inclusão social e cultural. Sob essa perspectiva, existe meu interesse pessoal em aprofundar os estudos acerca das crianças com Transtornos e, nessa pesquisa, em especial, o TEA.

De acordo com o site do Ministério da Saúde (Brasil, 2023), o TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.

Atualmente, os números estatísticos mostram um aumento significativo nos casos do TEA em todo o mundo. A prevalência do TEA, segundo o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2020), é um caso a cada 54 pessoas.

A busca por explicações do porquê de o aumento dos diagnósticos de autismo ter crescido nos últimos anos tem preocupado especialistas em todos os continentes. Silva e Mulick (2009) afirmam que, apesar de muitas pesquisas e debates, ainda não se sabe, ao certo, se o aumento no número de casos de transtorno autista reflete um crescimento genuíno. Contudo, é possível afirmar que esse aumento se deve, pelo menos em parte, a outros fatores, como a recente ampliação dos critérios diagnósticos, permitindo que uma maior gama de casos seja incluída dentro do espectro.

A partir disso, o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata de refletir sobre a importância da prática do Jiu-Jitsu Brasileiro para crianças com TEA na cidade de Porto Alegre RS. Especialmente o foco da pesquisa trata da importância da prática do Jiu-Jitsu Brasileiro para crianças de 06 a 11 anos no espectro autista na cidade de Porto Alegre.

1 APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa surgiu do meu interesse em ajudar meu filho de 7 anos em seu processo de desenvolvimento. Aos 2 anos de idade ele foi diagnosticado com espectro autista e a busca por terapias que colaborassem com o seu processo de aperfeiçoamento passou a ser uma rotina de nossa família.

O tratamento para indivíduos com TEA é demorado e as terapias que colaboram com esse processo têm um custo bem elevado. A rotina é diária e as estratégias de desenvolvimento devem estar aliadas ao projeto pedagógico ofertado pela escola. A logística envolvida em todo esse processo é um fator que colabora com a dificuldade em conciliar as terapias, o trabalho, o estudo e as tarefas domésticas.

A prática marcial pode ser uma excelente ferramenta de inserção social para crianças com TEA porque contempla em seu fundamento o convívio e a interação com o outro, além de terem um custo mais acessível se comparado às terapias convencionais.

As pessoas com espectro autista precisam de um grande volume de terapias. Profissionais da área da fisioterapia, da terapia ocupacional, psicologia e da fonoaudiologia têm auxiliado crianças, jovens e adultos nesse processo de interação social e desenvolvimento físico.

Todas as terapias que experimentamos ao longo dessa jornada terapêutica foram individuais. Meu Filho fica interagindo com a terapeuta durante 45 minutos sem nenhum contato com outras crianças.

A busca por terapias que colaborem com a interação do meu filho com outras crianças passou a ser uma rotina na nossa família. Vejo a prática esportiva muito pouco explorada por pais, mães e responsáveis de crianças com TEA. Acredito que exista uma falta de informação sobre a importância dos esportes ou artes marciais nesse conjunto de terapias e ou práticas que auxiliem no processo de desenvolvimento e de interação social de pessoas com espectro autista.

O jiu-jítsu Brasileiro faz parte da minha rotina de vida há 30 anos. Comecei a prática marcial com o objetivo de emagrecer e participar de uma comunidade onde a disciplina e o respeito fossem os princípios norteadores do processo de aprendizagem, além do aperfeiçoamento pessoal. A experiência adquirida ao longo

de décadas, me fez achar oportuno pesquisar se existem crianças com Espectro Autista nas academias de Jiu-Jitsu Brasileiro de Porto Alegre, com o intuito de entender como os professores realizam essa tarefa pedagógica e quais são suas dificuldades e dúvidas na realização do trabalho.

Em Porto Alegre existem diversas academias de jiu-jitsu Brasileiro, visto que essa prática marcial cresceu exponencialmente nos últimos 30 anos. Com esse processo de desenvolvimento comercial achei necessário e oportuno propor, através de um questionário junto aos professores dessas academias, uma investigação sobre a possível importância dessa prática marcial e esportiva no rol de terapias para crianças com TEA.

O Jiu-Jitsu Brasileiro é encontrado em todos os continentes e no Brasil seu desenvolvimento contou com apoio incondicional de toda população. A mídia tem um papel significativo nesse processo de construção, ofertando reportagens que colaboram com a importância da prática marcial na formação de crianças, jovens e adultos.

Turô (2019) afirma que com tantos benefícios em nível social, físico, psicológico e emocional, não é difícil entender o crescimento da prática do Jiu-Jitsu desde a infância. E tudo isso é construído e conquistado de uma forma muito leve e divertida, sempre em parceria com os pais, mães e com a escola, usando o esporte como ferramenta para o crescimento dos pequenos. Portanto, se você quer proporcionar a uma criança algo que vá realmente fazer diferença para ela: experimente o Jiu-Jitsu. Os benefícios vão muito além do tatame e duram uma vida inteira.

Rédua (2022) colabora com a ideia de que a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro é mais recomendada para crianças a partir dos 4 anos, pois é apontada por professores e responsáveis como uma importante ferramenta para a formação das crianças. Através da filosofia ensinada junto com os golpes e o sistema de defesa pessoal, os pequenos aprendem a desenvolver mais rapidamente comportamentos de respeito, hierarquia, disciplina dentro e fora da academia.

Os benefícios do Jiu-Jitsu são inúmeros. Conforme o site Bjjfanatics¹ é impossível fazer Jiu Jitsu e não se socializar, uma vez que com a prática do esporte

¹ Disponível em: <https://bjjfanatics.com.br/blogs/news/beneficios-do-jiu-jitsu-para-as-criancas>.

muitas amizades surgem dentro do tatame. Qualidades como a cooperação, parceria e amizade se desenvolvem com o aprendizado desta arte, isso é inevitável!

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A partir do apresentado até o momento, o problema de pesquisa desse TCC é o seguinte: Como a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro pode colaborar com o processo de inclusão e de desenvolvimento de crianças de 06 a 11 anos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em academias de Jiu Jitsu na cidade de Porto Alegre/RS?

1.2 Objetivos

A partir do problema de pesquisa apresentado, apresento, a seguir, o objetivo geral e os objetivos específicos deste Trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender como a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro pode colaborar com o processo de inclusão e de desenvolvimento de crianças de 06 a 11 anos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em academias de Jiu Jitsu na cidade de Porto Alegre/RS.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Observar, registrar e analisar o desenvolvimento social e afetivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista que praticam Jiu-Jitsu Brasileiro.
2. Compreender como está estruturado o processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista nas aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro em academias na cidade de Porto Alegre/RS.
3. Compreender a importância da prática do Jiu-Jitsu Brasileiro no processo de socialização de crianças de 06 a 11 anos com Transtorno do Espectro Autista.

4. Analisar de que modo acontece interações das crianças típicas e atípicas durante as aulas de Jiu-jitsu Brasileiro.

5. Compreender os principais desafios que os professores de Jiu-Jitsu Brasileiro enfrentam na realização do trabalho com crianças de 06 a 11 anos com Transtorno do Espectro Autista em academias na cidade de Porto Alegre/RS.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, exploraremos a relação entre o Espectro Autista e os diferentes aspectos da infância, com foco nas práticas corporais sistematizadas, como o Jiu-Jitsu Brasileiro.

A inclusão de crianças no Espectro Autista em atividades esportivas é uma área de crescente interesse e pesquisa, visando promover o desenvolvimento e a participação social desses indivíduos.

A revisão de literatura foi realizada em diversas revistas acadêmicas especializadas, incluindo Motrivivência, Motriz: Revista de Educação Física, Movimento, Pensar a Prática, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista da Educação Física, Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Sabi/Ufrgs, Lume/Ufrgs e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Os descritores compostos utilizados para a busca foram: "espectro autista & infância", "espectro autista & jiu-jitsu", e "espectro autista & inclusão".

A seguir, apresento o quadro de revisão com o número de artigos e textos encontrados, fornecendo uma visão geral do corpo de literatura existente sobre esse tema e preparando o terreno para a discussão detalhada que se seguirá.

Revista	Encontrados	Selecionados
Motrivivência (Florianópolis)	1item Espectro autista & inclusão	Nenhum item selecionado
Motriz: Revista de Educação Física (Online)	Nenhum item encontrado	Nenhum item selecionado
Movimento (UFRGS)	1item espectro autista & inclusão	1item espectro autista & inclusão Adequações didático – metodológicas na prática do surfe para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	1 item espectro autista & jiu-jitsu	1 item espectro autista & jiu-jitsu Jiu Jitsu como instrumento de tratamento para crianças com Transtorno do Espectro Autista
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Nenhum item encontrado	Nenhum item selecionado

Revista da Educação Física (UEM, Online)	Nenhum item encontrado	Nenhum item selecionado
(CBCE) Cadernos de Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte	Nenhum item encontrado	Nenhum item selecionado
Sabi - Ufrgs	<p>19 itens espectro autista & infância</p> <p>46 itens espectro autista & inclusão</p>	<p>1 item espectro autista & infância Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras</p> <p>3 itens espectro autista & inclusão</p> <p>1) Não é o/a estudante que precisa se adaptar à escola, é a escola que precisa se adaptar ao estudante”: contribuições de estudos brasileiros sobre ações pedagógicas inclusivas para estudantes com transtorno do espectro autista na educação básica</p> <p>2) Metodologias para inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula regular</p> <p>3) Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras</p>
Lume - Ufrgs	<p>675 itens espectro autista & infância</p> <p>9 itens espectro autista & jiu-jitsu</p> <p>703 itens espectro autista & inclusão</p>	<p>2 itens espectro autista & infância</p> <p>1) Instituições de Porto Alegre com práticas corporais para autistas</p> <p>2) Vínculo e pertencimento: uma proposta de mediação para fortalecimento destes fatores da aprendizagem, nas aulas de educação física especial</p> <p>2 itens espectro autista & inclusão</p> <p>1) Pedagogia diferenciada na inclusão escolar de alunos com deficiência</p>

		2) A política de inclusão escolar nos municípios do litoral norte gaúcho
Portal de periódicos da CAPES	187 itens espectro autista & infância 2 itens espectro autista & jiu-jitsu 432 itens espectro autista & inclusão	2 itens espectro autista & inclusão 1) A inclusão de alunos com TEA no ensino fundamental: uma análise a partir da prática pedagógica na perspectiva do afeto 2) Contribuições das práticas baseadas em evidências para inclusão de crianças com o transtorno do espectro autista com foco na análise do comportamento aplicada no Brasil

Durante o processo de revisão de literatura pude observar uma lacuna interessante sobre a prática de Jiu-Jitsu de crianças no Espectro Autista em academias, clubes e associações.

Deve haver entidades que fazem um trabalho com esse recorte social, porém não encontrei nada que me auxiliasse na organização da minha pesquisa.

Encontrei alguns autores que observaram o transtorno em outros ambientes como em escolas e clínicas especializadas. Esses ambientes não colaboram com a possível solução de meus objetivos propostos.

A prática do Jiu-Jitsu Brasileiro não está estruturada para atender pessoas com deficiência. Aos poucos pequenos espaços vão se adaptando a demanda e os profissionais passar a buscar alternativas de atendimento para atendimentos pontuais.

Espero encontrar novos autores que colaborem com essa problemática porque ao longo dos próximos anos teremos um aumento significativo de crianças com TEA.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE PARA AS CRIANÇAS

A prática da atividade física deve ter como foco o desenvolvimento da criança em todas as fases de seu desenvolvimento. Crianças típicas e atípicas devem ter a

oportunidade de experimentar uma diversidade de práticas corporais sistematizadas que colaborem com a construção de uma pessoa capaz de ver o mundo de forma integral, inclusiva e acolhedora.

Santos et al. (2021), afirmam que as “escolinhas de esportes”, por vezes, não são bem-vistas pelos educadores, porém são locais onde se aprendem os movimentos de um esporte, espírito de equipe, disciplina e, até, a ganhar e a perder, que pode ser uma das realidades da vida nas diversas áreas.

De acordo com Macedo e Santos (2023), a prática esportiva entre os mais jovens é de suma importância para integrá-los às atividades que contribuam para o seu desenvolvimento social e físico. Os incentivos devem começar desde a infância, estimulando a criança a realizar esportes que lhe proporcione prazer, de maneira lúdica e que não atrapalhe as demais atividades da vida do esportista.

Novikoff et al. (2012) afirmam que, os esportes na infância contribuem com o desenvolvimento psicomotor, condicionamento físico e cardiorrespiratório, também na melhora da saúde, auxiliando o tratamento de doenças crônicas, tipo asma e diabetes.

2.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A inclusão de crianças com deficiência é um tema importante e complexo. Segundo a Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (Unicef, 2021) há quase 240 milhões de crianças com deficiência em todo o mundo, o que representa uma em cada dez crianças. O relatório também destaca que as crianças com deficiência estão em desvantagem em comparação com as crianças sem deficiência na maioria das medidas de bem-estar infantil, incluindo saúde, educação e proteção. A Educação Especial no Brasil teve seu marco inicial com a criação de instituições de apoio exclusivo as pessoas com deficiência visual. A história tem como marcos fundamentais a criação do “Instituto dos Meninos Cegos” (hoje “Instituto Benjamin Constant) em 1854, e do “Instituto dos Surdos-Mudos” (hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos –INES) em 1857, ambos na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa do governo Imperial (JANNUZZI, 1992; BUENO, 1993; MAZZOTTA,1996)

Miranda (2004) colabora com a informação de que em relação a deficiência mental houve um silêncio quase absoluto no cenário Brasileiro. A Educação Especial

se caracterizou por ações isoladas e o atendimento se referiu mais às deficiências visuais, auditivas e, em menor quantidade as deficiências físicas.

De acordo com Dupin et al (2020) a educação de pessoas com deficiência fora criada pelo viés do assistencialismo e da segregação. Os estudantes com deficiência eram destinadas as Escolas Especiais e as instituições e os métodos empregados não buscavam uma educação considerando as necessidades educacionais destas pessoas, mas sim tentavam moldá-las de acordo com um modelo social de normalidade, na tentativa de que estas se adequassem e pudessem se integrar à sociedade, e não ao convívio de seus pares.

Foi através da Constituição Brasileira (1988) que ficou assegurado o direito de todos à educação, garantindo, assim, o atendimento educacional de pessoas que apresentam necessidades educacionais especiais. O Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Especial estabeleceu o direito de todos a educação. Tornando a Educação Especial uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realizando o atendimento educacional especializado, disponibilizando os recursos e serviços necessários com o objetivo de orientar quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. (BRASIL, 2008, p. 11).

Segundo Arendt:

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (1972, p. 247).

Um marco significativo em relação as políticas educacionais para pessoas com deficiência foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996). De acordo om a LDB a Educação Básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Entende-se que a " Educação Especial" para os efeitos desta Lei, e a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais". (Brasil, 1996, p. 17, art.58),

Freire (2008) reforça que a inclusão é um movimento educacional, mas também social e político, que vem defender o direito de todos as pessoas participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que as diferencia das outras.

Gomes (2016) colabora com a afirmação que educação inclusiva, segundo essa política, caracteriza-se por ações políticas, culturais, sociais e pedagógicas desenvolvidas para assegurar o direito de todos dividirem o espaço comum da escola. Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular.

2.3 HISTÓRIA DO JIU-JITSU NO BRASIL E EM PORTO ALEGRE

Existem alegações quanto ao jiu-jítsu ter sua origem nas montanhas da Índia há 2500 anos. Supostamente se difundiu pela China e, por volta de 400 anos atrás, estabeleceu-se no Japão (Gracie, 2007). A história narrada por Gracie (2008), destaca a origem do Jiu-Jítsu na Índia, sua evolução no Japão com o surgimento do Judô por Jigoro Kano, e a chegada do Conde Koma ao Brasil.

Conforme Gracie (2007), somente no início do século XX, o jiu-jítsu japonês chegou à América do Sul, mais especificamente à região amazônica. O responsável foi Mistuyo Maeda, um professor de jiu-jítsu, que dizem ter sido enviado para ajudar uma colônia de imigrantes japoneses no Norte do Brasil. Maeda era conhecido pelas competições de vale-tudo que participava demonstrando a eficácia do jiu-jítsu.

A evolução do Jiu-Jitsu Brasileiro em Porto Alegre foi notável ao longo dos anos. À medida que o esporte ganhava visibilidade nacional e local por meio do Mixed Martial Arts (MMA), mais pessoas de diferentes faixas etárias e gêneros se interessavam pela prática. De acordo com Rufino e Darido (2009), o Ultimate Fighting Championship (UFC) é um dos eventos mais assistidos pelo público americano. Lota ginásios e cassinos do mundo todo. Em julho de 2009 chegou à edição especial de número 100, ou seja, centésima edição do evento. Além do UFC há diversos outros eventos, nacionais e internacionais, que promovem lutas de MMA.

Minha experiência no Jiu-Jitsu Brasileiro começou em dezembro de 1994. Naquela época, havia apenas duas academias na cidade de Porto Alegre, uma no bairro Petrópolis e outra no bairro Iapi. Tive a oportunidade de começar meus

estudos sobre a arte marcial na academia situada no bairro Petrópolis. Fundada em 1994 pelo professor Marcio Corleta, a Winner Behring é uma das pioneiras no Jiu-Jitsu no estado do Rio Grande do Sul. Representante oficial da Behring Jiu-Jitsu desde 1997, nossa escola tem como objetivo ensinar o Jiu-Jitsu de uma maneira completa (Winner, 2023).

Com o aumento da popularidade do Jiu-Jitsu, novas academias surgiram na cidade de Porto Alegre, oferecendo oportunidades para uma gama mais ampla de alunos. A disseminação do Jiu-Jitsu Brasileiro não apenas proporcionou uma opção de atividade física, mas também criou uma comunidade unida em torno da paixão pelo esporte. A cidade de Porto Alegre viu um florescimento do jiu-jitsu, tornando-se uma verdadeira febre que transcendeu barreiras de gênero e de idade. Essa transformação não apenas enriqueceu a experiência esportiva, mas também contribuiu para a formação de laços sociais duradouros entre os praticantes

2.4 INTERAÇÃO INSTRUTOR E ALUNO NA PRÁTICA ESPORTIVA E NO JIU-JITSU BRASILEIRO

Silva et al. (2019) colaboram com a ideia que, a partir do momento que a Educação Física passou a ser conceituada como uma área vinculada as Ciências Humanas, englobando o fisiológico, psicológico e o sociológico, iniciou a sua integração em todos os aspectos humanos, uma vez que a proposta de ser um professor de Educação Física é educar seus alunos por meio de seu corpo. E, atuar no corpo, implica atuar na cultura relacionada ao aspecto corporal.

Conforme Archete et al. (2016), para que a criança consiga adquirir estes benefícios, é necessário que o professor atue de forma decisiva nas aulas, sempre procurando orientar e mediar qualquer situação adversa encontrada, conversando com os alunos, tentando mostrar para eles de forma que eles entendam e, com isto, comecem a observar o que pode e não pode ser feito. Portanto, o papel do professor é fundamental na formação integral da criança, conseqüentemente, a relação entre o mestre e o aluno, deve atentar-se para a valorização deste vínculo social, cognitivo e afetivo.

Silva e Cardoso (2019) destacam a importância da relação entre o professor e as crianças. Os autores afirmam que o professor deve ser um educador qualificado, capaz de adaptar as aulas às necessidades das crianças. Além disso, o professor

deve ser firme e justo na aplicação das regras, mas também deve ser compreensivo e tolerante.

2.5 INTERAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS NO JIU-JITSU

O Jiu-Jitsu Brasileiro desempenha um papel crucial na interação e na socialização das crianças, promovendo o desenvolvimento físico e emocional. Esse contexto favorece a formação de amizades saudáveis, contribuindo para a construção de habilidades sociais fundamentais. Fontes et al. (2021) concluíram em seu estudo que o Jiu-Jitsu Brasileiro possibilitou melhoras na coordenação motora de crianças com TEA, mesmo elas estando na classificação de insuficiência coordenativa, após a realização do teste de Coordenação Corporal para Crianças (KTK), desenvolvido por pesquisadores alemães Kiphard e Schilling em 1974. Sugere-se que mudanças mínimas no comportamento motor proporcionam grandes possibilidades nas atividades de vida diária e qualidade de vida destas crianças. A natureza colaborativa do esporte estimula a comunicação entre as crianças, que aprendem a expressar ideias, ouvir os colegas e resolver desafios em conjunto. Esse processo fortalece a capacidade de se comunicar eficientemente, uma habilidade fundamental para o convívio social ao longo da vida.

Archete et al. (2016) afirmam que a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro pode ajudar as crianças a desenvolverem discernimento e a aprenderem o que é válido e o que pode ser feito para o bem do próximo. Além disso, a prática dessa arte marcial pode ajudar as crianças a se socializarem com outras crianças de sua faixa etária, e, a partir do conteúdo bem oferecido e trabalhado pelo professor, as crianças podem propagar suas experiências positivas vivenciadas nesta arte marcial.

A prática marcial e esportiva também desempenha um papel na promoção da autoconfiança das crianças. Ao superarem desafios socioculturais, físicos e técnicos, elas desenvolvem um senso de realização e de autoestima, fatores cruciais para a construção de relacionamentos saudáveis e duradouros.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza -se por ser qualitativa descritiva e exploratória. Para Guerra (2004) Na abordagem qualitativa, o pesquisador aprofunda-se na compreensão dos fenômenos que estuda, nas ações dos indivíduos, dos grupos ou das organizações em seu ambiente ou contexto social. Analisando e interpretando a os próprios sujeitos que participam daquele contexto social, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes da pesquisa foram professores que ministram aulas de Jiu jitsu Brasileiro para crianças de 06 a 11 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em academias de Porto Alegre (RS). Todos são, além de professores, praticantes regulares de jiu-jítsu, de ambos os sexos, que estão envolvidos com a arte marcial há pelo menos quinze anos.

A partir desses filtros, entrevistei todos os participantes que se enquadravam nos critérios propostos, a partir de um roteiro de entrevista (Apêndice B).

Com o intuito de preservar a identidade dos professores e da professora que participaram das entrevistas, irei nomeá-los com nomes fictícios, nomes esses que foram escolhidos pelos próprios entrevistados.

O primeiro entrevistado será chamado de Mister Omoplata (nome fictício), de 32 anos, bacharel em biologia pela PUC do Rio Grande do Sul, iniciou sua carreira de praticante de Jiu-Jitsu no final de 2017, e sempre teve o interesse de ministrar aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro.

O segundo integrante de nossa pesquisa será chamado de Senhor Triangulo, que começou a praticar Jiu-Jitsu aos 12 anos de idade. Estudante de Educação Física, construiu sua identidade através da prática competitiva percorrendo o estado e o país representando sua escola. Sua formação docente no Jiu-Jitsu Brasileiro se desenvolveu por completo quando se mudou para Los Angeles (EUA) para se

aprimorar tecnicamente com um dos maiores lutadores de Jiu-Jitsu Brasileiro do século XX.

O terceiro entrevistado será chamado de Senhor Veterano, graduado a faixa preta a 14 anos, começou sua carreira no jiu-jitsu porque era conhecido de um dos Professores mais antigos na cidade. Formado como técnico em prótese odontológica, também cursou a faculdade de direito até o quinto semestre, no entanto foi no Jiu-Jitsu Brasileiro que encontrou sua vocação docente e empresarial.

A quarta entrevistada será chamada de Senhora Laço, única mulher integrante de nossa pesquisa, formada em ciências biológicas com licenciatura plena desde 2007, começou a praticar jiu-jitsu no ano de 2011 e hoje a sua intenção é ministrar aula de Jiu-jitsu Brasileiro para crianças de 03 a 12 anos.

O quinto e último integrante de nossa pesquisa será chamado de Senhor Pernas Longas, começou a praticar Jiu-Jitsu Brasileiro no ano de 2012. Além de faixa preta é licenciado em educação física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES

3.3.1 Questionário

Para buscar as informações pertinentes à realização da pesquisa tive que realizar um diagnóstico preliminar com os possíveis professores de Jiu-Jitsu Brasileiro que poderiam me ajudar na realização da tarefa.

As primeiras observações partiram de uma conversa informal realizada em evento de jiu-jitsu esportivo realizado tradicionalmente em Porto Alegre. Esse evento conta com mais de 800 atletas que na companhia de seus técnicos e colegas de treinamento tornam o evento uma referência competitiva no cenário gaúcho.

A conversa foi realizada individualmente com os professores que tenho mais afinidade e foi lhes proposto o preenchimento de um questionário. O questionário, composto por 10 perguntas elaboradas no Google Formulários (Apêndice A), teve como objetivo estabelecer a triagem inicial para a realização das entrevistas presenciais. Nesse contato inicial, o pesquisador explicou detalhadamente os objetivos da pesquisa e agendou os locais de visita para a possível coleta de

informações. Foram enviados 50 convites via WhatsApp durante a segunda semana de março de 2024 e foram obtidas 30 respostas.

O questionário inicial trouxe respostas significativas para o prosseguimento da pesquisa. Todos os participantes acreditam que a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro colabora com o processo de desenvolvimento de crianças com Espectro Autista e 50% dos entrevistados informaram que as crianças com TEA fazem parte do seu quadro discente.

Na segunda etapa foi organizada uma entrevista semiestruturada no modelo online com cinco professores que se enquadravam nos critérios de inclusão da pesquisa, que falarei adiante.

Após o recebimento de 30 respostas do questionário, foram selecionados 5 professores que enquadraram -se em três critérios de inclusão: deveriam ser faixas pretas de Jiu-Jitsu Brasileiro, deveriam ter uma experiência docente de mais de 5 anos e deveriam ter crianças de 05 a 11 anos com espectro autista em suas aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro.

3.3.2 Diário de Campo

O diário de campo foi construído ao longo dos meses de maio e junho de 2024. Todos os entrevistados são professores que se dedicam integralmente para a docência do jiu-jitsu brasileiro facilitando a realização das entrevistas.

O diário de campo é uma excelente ferramenta de auxílio da construção das entrevistas. Durante o processo conseguimos observar as reações do entrevistado facilitando o entendimento do processo de inclusão e acolhimento de crianças dentro do Espectro Autista.

Acredito que se as entrevistas fossem no modelo presencial. Teríamos uma percepção maior de todo o processo docente. O Tatame ou Dojo deve estar organizado para acolher a criança através de forma lúdica e segura, como objetivo. de engajar a criança em todo o processo da prática marcial.

Infelizmente não pude realizar as entrevistas presencialmente. O mês de maio marcou significativamente a história do povo gaúcho, com a maior enchente de todos os tempos. Impossibilitando o contato físico com os professores, que naquele momento tinham seus empreendimentos fechados.

Ao final de cada entrevista os participantes puderam colocar um pouco do seu sentimento sobre a importância do acolhimento de crianças dentro do Espectro Autista dentro da turma e a relação com os demais colegas. Todos relataram que. O Jiu-Jitsu Brasileiro tem demonstrado ser uma potente ferramenta de desenvolvimento das crianças.

Existem inúmeras opções de terapias que podem auxiliar a criança Autista em seu processo de socialização. Através das entrevistas consigo observar a importância do jiu-jitsu brasileiro no contexto da inclusão.

3.3.3 Entrevista

Todos os participantes da pesquisa estavam cientes da necessidade de as entrevistas serem realizadas presencialmente, no entanto, com a dificuldade de locomoção na cidade de Porto Alegre no mês de junho de 2024 por consequência da severa enchente que assolou o estado destruindo e prejudicando a mobilidade e a locomoção da população dentro da cidade, achei prudente realizar as entrevistas via chamada de vídeo.

As entrevistas foram se estruturando ao longo da construção do trabalho. Em um primeiro momento pensei em perguntas que facilitassem responder os objetivos específicos apontados na pesquisa. No entanto, com a experiência adquirida ao longo das entrevistas, pude observar que o entrevistado ficava muito feliz em compartilhar momentos e experiências pontuais adquiridas durante a relação construída com seus alunos com TEA, facilitando, assim, o andamento da pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas em horário combinado entre ambas as partes. A gravação se deu através do aplicativo word com a ferramenta “ditar”. A entrevista é automaticamente transcrita para o editor de texto facilitando a organização das respostas e, posteriormente, a transcrição foi enviada e aprovada pelo entrevistado.

As entrevistas não tinham um roteiro pré-estabelecido. Como há uma relação de proximidade com os participantes da pesquisa a entrevista foi se desenvolveu de forma muito descontraída e agradável. O conjunto de perguntas que compunham a entrevista tinham duração máxima de cinquenta minutos, e o convidado poderia responder o questionário abertamente e contar acontecimentos que lhe pareceram

pertinentes, “permitindo que exista a liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o tema” (Molina Neto; Triviños, 2017, p.75).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A análise e a interpretação das informações colaboram com a ideia inicial da pesquisa que busca descobrir como está estruturada a inclusão de crianças dentro do espectro autista nas turmas regulares de Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade de Porto Alegre.

Os entrevistados ficaram empolgados em responder as perguntas e ficaram mais fascinados e engajados quando começavam a falar sobre a evolução e o desenvolvimento de seus alunos durante todo o processo de ensino aprendizagem do Jiu-Jitsu Brasileiro.

Segundo Molina Neto e Triviños (2017, p. 81):

O pesquisador, ao trabalhar com as informações recolhidas por meio da entrevista, tem que ter claro que a realidade não é objetiva: ela existe e deve ser interpretada segundo o ponto de vista do pesquisador que analisa o conteúdo com fim descritivo ou inferencial, cujo propósito é descrever e explicar as ideias das pessoas sobre determinado assunto.

O processo de análise busca compreender como responder o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa. As perguntas da entrevistas foram estruturadas com o objetivo de facilitar a interpretação e a discussão das informações.

4.1 Inclusão de crianças com Espectro Autista nas aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro

Buscar alternativas que contemplem o desenvolvimento de crianças com Espectro Autista é constante na vida de Pais e responsáveis. As alternativas terapêuticas têm crescido exponencialmente ao longo dos últimos anos. Com o aumento da incidência de diagnósticos – novas opções de tratamento vêm aparecendo para auxiliar no tratamento de indivíduos com TEA.

Essa pesquisa buscou compreender como a prática do jiu-jitsu Brasileiro pode colaborar como ferramenta de inclusão e desenvolvimento de crianças com TEA. Todos os entrevistados afirmaram que a prática marcial tem trazido resultados significativos no processo de bem-estar das crianças.

É sabido que pessoas com TEA podem ter dificuldade no contato visual, no toque e com o excesso de barulho. Para que exista a inclusão é necessário que o

professor consiga organizar a prática docente de uma forma segura e acolhedora. Atualmente, as academias de Jiu-Jitsu Brasileiro têm ofertado turmas direcionadas para o público infantil, proporcionando mais estudo a respeito das necessidades e os cuidados esperados para a prática nessa faixa etária.

As entrevistas colaboraram com a ideia inicial da pesquisa que buscou compreender a importância do Jiu-Jitsu Brasileiro no tratamento de crianças com TEA.

Mister Omoplata, é licenciado em Biologia pela PUC, com experiência docente no Jiu-Jitsu Brasileiro há mais de 10 anos, socio proprietário de uma conceituada academia de Jiu-Jitsu de Porto Alegre, relatou sobre a importância de sua experiência com um menino de 7 anos. As observações foram muito pontuais em relação do efeito positivo na melhora nas relações interpessoais durante as aulas:

Eu acho que essa é a maior lição, a maior importância disso. Eles aprenderem a lidar com as diferenças e respeitar cada um deles, né? As dificuldades de saber que, mesmo que todos são diferentes um do outro, eles conseguem conviver utilizando a arte marcial como pilar da socialização deles (entrevista realizada em 10/06//2024).

A convivência desempenha papel importante no desenvolvimento da criança proporcionando contextos sociais e experiências que permitem a troca de ideias, papéis e o compartilhamento de atividades, além disso, é no seu grupo social que nascem as regras que moldam as atividades de cooperação e competição (Camargo, Bosa, 2009).

O Senhor Veterano é professor de Jiu-Jitsu Brasileiro há mais de 15 anos. Tem sua academia situada na zona central de Porto Alegre, com experiência acadêmica na área do Direito e formação como técnico em prótese dentária. Oriundo da capoeira, buscou através do Jiu-Jitsu uma nova experiência marcial e um novo conhecimento sobre a luta de solo.

Buscando compreender a importância da prática do Jiu-Jitsu Brasileiro para crianças com Espectro autista, o participante B relata sobre a importância da relação e troca de experiências com as crianças com TEA:

Porque não é só a criança autista que está aprendendo com a gente, a gente está aprendendo muito mais com eles. No espectro autista eles têm um entendimento diferente, então a gente tem que tentar entender eles de uma forma diferente. Tem a questão do ruído, a questão de serem muito dispersos, então é importante se precaver para possíveis gatilhos que podem levar ele a se fechar ou se emburrar ou até mesmo criar um atrito com outro colega. O aprendizado é mútuo – eu aprendo com ele e ele aprende comigo, com a turma e com os outros colegas (entrevista realizada em 12/06//2024).

O ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos ‘convivam’ de tal maneira com os saberes que eles vão virando sabedoria. Algo que não é estranho a educadores e educadoras (Freire, 2005).

Senhor Triângulo iniciou a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro aos 12 anos de idade em uma academia tradicional de Porto Alegre. Foi um grande competidor no cenário gaúcho e nacional, buscou se desenvolver tecnicamente nos Estados Unidos com um professor renomado oriundo da família Gracie.

Durante a entrevista, ele comentou sobre sua experiência docente com crianças com Espectro Autista em uma Escola de Educação Infantil conveniada ao município de Porto Alegre e em sua academia localizada na zona leste de Porto Alegre:

São muitos benefícios, mas eu acho que o maior de todos é a concentração, a determinação e o entendimento da importância de esperar o momento certo de fazer a técnica proposta durante a aula. Fazer e deixar seu colega fazer a técnica, cumprimentar o colega depois que perde, cumprimentar o colega depois que ganha, sempre com educação. Essas pequenas coisas que vão desenvolvendo o saber que tem um momento que tem que sentar e esperar e a hora que pode brincar (entrevista realizada em 13/06//2024).

4.2 Formação docente e interação entre as crianças

Buscar alternativas que auxiliem a experiência docente do Professor deveria ser requisito para o trabalho com crianças. O Jiu-Jitsu foi introduzido na cidade de Porto Alegre através de um modelo antigo da prática Marcial. Não havia turmas específicas para o público infantil. As crianças e adolescente aprendiam o Jiu-Jitsu Brasileiro em turmas mistas, com alunos de todas as idades e graduações. Com a crescente demanda por parte de pais e responsáveis em buscar alternativas para o desenvolvimento de seus filhos, vem surgindo uma grande oferta de cursos e especializações que colaboram com o aperfeiçoamento dos Professores.

Mister Omoplata descreve em sua entrevista a importância que um curso de especialização em crianças com TEA realizado por ele em 2020:

Primeiro era feito uma anamnese, depois eles tinham aulas de individuais de 40 minutos de duração...aulas individuais com o Professor responsável, que também era psicólogo. Ele avaliava as dificuldades com o objetivo de ver a socialização, para ele conhecer a criança. A sala era bem grande, então lá tinha todos os estímulos, tinha uma bola, tinha chinesinhos, tinha umas varetinhas, tinha o colchão. Ele fazia a criança bater a mão no tatame para ver se lá tinha a versão ao som, ao toque (entrevista realizada em 10/06//2024).

Senhores Triangulo e Veterano, apontam que não fizeram nenhum curso sobre o Espectro Autista. Sabem da importância de se aperfeiçoar, mas até o momento da nossa entrevista não tinham conhecimento de nenhuma plataforma que ofertasse curso sobre o assunto.

Senhor Veterano, embora não tenha efetuado nenhum curso sobre o assunto, buscou algumas informações com uma profissional em terapia ABA sobre como lidar com crianças com TEA: "Não professor. Até procurei! Inclusive falei com a com a namorada do Brunão que também atende uma criança com TEA, perguntando se teria algum material para ler para poder estudar" (entrevista realizada em 12/06//2024).

Senhora Laço, formada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, com experiência de mais de 15 anos entre a prática e à docência do Jiu-Jitsu Brasileiro colabora, com muita propriedade, sobre a importância de conhecer e se especializar sobre o assunto do Espectro Autista e suas peculiaridades: "Eu não tenho especialização no momento, busco conhecimento através da literatura disponível sobre o assunto e eu vivencio o autismo diariamente, como sou uma mãe de um menino com autismo, meu conhecimento e experiência aprimoram-se a partir da experiência de ser Mãe" (entrevista realizada em 13/06//2024).

Observar como se estrutura as relações interpessoais entre crianças típicas e atípicas é de suma importância para conseguirmos responder as questões primordiais dessa pesquisa. As crianças se relacionam em vários espaços distintos. Na escola, no bairro, nas praças, nas escolas de arte marciais e nas escolas esportivas é onde devemos buscar a incansável concretização da inclusão. É nesses espaços que as crianças aprendem a brincar, se relacionar e respeitar o

próximo. As escolas de Jiu-Jitsu Brasileiro que participaram dessa pesquisa são escolas tradicionais de ensino do Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade de Porto Alegre.

A estrutura que norteiam os princípios básicos do ensino aprendizagem proposto pelas Escolas de Artes Marciais se organizam a partir de conceitos antigos e tradicionais. Um dos pilares da tradição do Jiu-Jitsu Brasileiro baseiam -se no pressuposto de que todos são iguais e devem compartilhar do valor do respeito, da cordialidade e da amizade durante toda sua experiência marcial.

Senhor Pernas Longas, licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e praticante de Jiu-Jitsu Brasileiro há mais de 15 anos, descreve com muita satisfação a importância da relação entre as crianças durante o treino: "Eu observo uma relação muito legal entre eles. No Jiu-Jitsu todos devem se respeitar, né? A amizade e o respeito entre eles são muito legal" (entrevista realizada em 14/06//2024).

Archete et al. (2016) colabora com a ideia de que com a prática do Jiu-Jitsu, as crianças podem desenvolver o discernimento do certo e errado, do que se e válido e o que pode ser feito para o bem do próximo, além de obterem contato e sociabilizarem com outros alunos de sua mesma faixa etária e a partir do conteúdo bem oferecido e trabalhado pelo professor, os alunos podem juntos propagarem suas experiências positivas vivenciadas nesta arte marcial.

Senhor Triângulo enuncia em sua entrevista que a relação entre as crianças típicas e atípicas pode ser bem peculiar: "Eu vejo a relação deles bem distintas, tem crianças que naturalmente já entendem, e tem uma relação superprotetora, protege e tem uma relação positiva. Outras que não entendem, tem uma relação mais forte, de enfrentar questionar e as vezes até agredir por não entender o comportamento delas"(entrevista realizada em 12/06//2024).

Senhora Laço, única mulher participante da pesquisa e mãe de um menino de 7 anos com espectro autista descreve em sua narrativa o universo puro e inocente das crianças em seu relacionamento com seus pares:

A relação das crianças Típicas com as crianças atípicas é bem legal. Porque as crianças típicas sabem que as atípicas são diferentes, que elas têm comportamentos diferentes. Mas elas não dão muita importância para aquilo e não evidenciam essas situações. Tem um aluno, João, que ele sempre traz um carrinho. E aí esses dias os colegas dele perguntaram por que ele podia trazer o carrinho? Daí eu expliquei que hoje o João precisava do carrinho para se sentir seguro. As nossas crianças são muito sensíveis. O Adulto deve colocar o assunto de uma forma clara e direta, dizer para elas

que é assim que funciona. Aí elas entendem (entrevista realizada em 13/06/2024).

Ao longo da pesquisa, procurei compreender como a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro de crianças de 06 a 11 anos está sendo desenvolvida dentro da cidade de Porto Alegre. Em todas as entrevistas realizadas observamos o significado da importância de um monitor, instrutor ou um professor auxiliar durante as aulas. As demandas são grandes e com um corpo docente mais ampliado as aulas se auto-organizam de uma forma muito dinâmica. O professor tem que observar tudo que ocorre durante a atividade. Ele tem que organizar as idas ao banheiro, o intervalo para hidratação e principalmente a segurança das crianças durante a prática.

Todos os participantes das entrevistas afirmaram que é muito importante a presença de um professor auxiliar durante as aulas.

Senhor Veterano relata que sempre teve um monitor auxiliar durante suas aulas, mas hoje está sozinho: "Olha professor, eu tinha um monitor que era o Kaiã que me ajudava nas aulas. Ficava ali de olho porque a turma cresceu bastante. Hoje eu não tenho monitor - to sozinho na turma" (entrevista realizada em 13/06//2024).

Mister Omoplata coloca uma informação muito significativa sobre o processo de acolhimento e integração que o auxílio de um Professor auxiliar colabora durante as aulas: "Sim, sim, com certeza. Normalmente, eu os coloco um pouquinho com cada um dos monitores e eu vejo se ele tem afinidade com algum deles. O trabalho fica bem mais fácil com ajuda" (entrevista realizada em 10/06/2024).

Senhor Pernas Longas entende que o monitor auxiliar é fundamental na construção do bom andamento da aula de Jiu-Jitsu Brasileiro de uma forma integral: "Sim, dentro das aulas, principalmente das aulas de grupo, é fundamental o monitor estar junto, não só pelo trabalho com a criança que possui o diagnóstico, mas também para a turma toda" (entrevista realizada em 14/06//2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar alternativas que auxiliem pais e responsáveis no processo de desenvolvimento de crianças com Espectro Autista faz parte da rotina das famílias atípicas.

Essa pesquisa buscou compreender como a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro está sendo estruturada na cidade de Porto Alegre e se essa modalidade pode auxiliar as crianças de 06 a 11 anos com Espectro Autista a se desenvolverem. Todos os participantes afirmaram durante as entrevistas que o Jiu-Jitsu Brasileiro ajuda as crianças atípicas em seu desenvolvimento físico e comportamental.

A relação entre o professor e as crianças torna-se a ferramenta dessa construção. A combinação entre a experiência prática da arte marcial e a experiência acadêmica são fundamentais nessa construção do ensino aprendizagem das crianças com Espectro Autista.

Acredito que uma pesquisa mais ampla para observar um universo maior de professores que ministram aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro no estado do Rio Grande do Sul podem trazer novas informações sobre essa abordagem pedagógica.

Pensando em como vamos lidar com o aumento significativo do número previsto de diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista com o passar dos anos, me pergunto como as academias, clubes e escolas se organizarão para ajudar as crianças em seu desenvolvimento? Como deverá ser o currículo das Universidades de Educação Física para lidar com esse contexto?

Ao finalizar essa pesquisa e olhar para trás, acompanhando minha própria trajetória, percebo que o desafio da docência, associado ao da paternidade atípica, me tomam um tempo e uma sobrecarga extrema. Por muitas vezes me sinto despreparado para essa função de ser Pai. Sinto que me falta energia para ajudar meu filho em seu desenvolvimento. Percebo que as teorias são maravilhosas no papel e nos reels do Instagram, mas quando a crise sensorial vem - e ela vem constante e diária - as coisas são bem diferentes.

Contudo, não são raras as vezes que, quando a noite, olho meu filho do meu lado dormindo, me dá um orgulho muito grande em tentar ajudá-lo, porque sei que o ajudando, eu também ajudo as demais crianças autistas.

REFERÊNCIAS

ARCHETE, Wesley Lobo, et al. "**Benefícios do jiu-jitsu para crianças.**" Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista, 2016, p. 63-70.

ARENDT, Hannah. **A crise na educação.** Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2007.

Arthur TURÔ, Arthur. **Conheça os benefícios da prática do Jiu-Jitsu na infância.** Graciemag, 2019. Disponível em: <<https://www.graciemag.com/conheca-os-beneficios-da-pratica-do-jiu-jitsu-na-infancia/>>. Acesso em:08 fevereiro 2024.

BJJFANATICS. **Os Benefícios do Jiu Jitsu para as Crianças.** Disponível em: <<https://bjjfanatics.com.br/blogs/news/beneficios-do-jiu-jitsu-para-as-criancas/>>. Acesso:08 fevereiro 2024

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BUENO, José Geraldo Silveria. A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular. **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v. 9, n. 54, p. 21-27, 2001.

BUENO, J. G. S. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente.** São Paulo: EDUC, 1993.

CAMARGO, S. P. H, BOSA, C. A. Competência social, inclusão escola e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, 21 (1): 65-74, 2009.

Centers for Disease Control Prevention. Data & statistics on autism spectrum disorder. 2019. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>>. Acesso: 06 fevereiro 2024

CORREIA, Walter Roberto. Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, p. 337-344, 2015.

DA SILVA MACEDO, Millene Karla; DOS SANTOS, Ana Raquel Mendes. **A prática esportiva na infância**: uma revisão bibliográfica.

DA SILVA, Simone Gama, et al. Os benefícios da atividade física para pessoas com autismo. **Diálogos em Saúde**, 1.1, 2019.

Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Criança. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <<https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>>. Acesso em: 25 de dezembro de 2023

DOS SANTOS CARVALHO, Anderson, et al. **Exercício físico e seus benefícios para a saúde das crianças**: uma revisão narrativa. *Jair*, 13.1, 2021.

DUPIN, A. A. S. Q.; SILVA, M. O. Educação especial e a legislação brasileira: revisão de literatura. **Scientia Vitae**, 2020.

FONTES, Victor Augusto Meneghini et al. Coordenação motora de crianças com transtorno do espectro autista: efeitos de um programa de jiu-jitsu. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 29, n. 1, 2021.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. **Revista de Educação**, p. 5-20, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. [S. l.]: Grupo Anima Educação, 2014.

GRACIE, Helio. **Gracie jiu-jitsu**. Trad. Silvia Graaff-Gracie. São Paulo: Saraiva, 2007.

Gracie, Reila. Carlos Gracie: **O Criador de Uma Dinastia**. Rio de Janeiro: Record LTDA, 2008.

Home, Winner Behring Brazilian Jiu-Jitsu. Porto alegre,2023. Disponível em: <<https://winnerbjj.com.br/2023>>. Acesso 19 de dezembro 2023.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. Campinas/SP: Editores Associados, 1992.

LIMA, H.T.S. O papel do professor no contexto inclusivo: uma reflexão a partir da teoria de subjetividade. **E-Revista Facitec**, v. 4,n. 1,2010.

MARCOS CANDIDO, Uol Ecoa (SP) Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/21/desenvolvimento-atipico-qual-significado-de-termo-para-pcds-e-autismo.htm>>. Acesso em: 06 de janeiro 2024.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

MENDONÇA, Sophia. **Neurodivergentes: autismo na contemporaneidade**. Manduruvá Edição Especiais, Belo Horizonte 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. Brasília/DF: MEC/SEESP, [2018?]. Disponível

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192>. Acesso em 27 mar. 2024.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. História, deficiência e educação especial. **Revista HISTEDBR On-line, Campinas**, v. 15, p. 1-7, 2004.

NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. In: NEGRINE, A; Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Sulina, 2017.

NOVIKOFF, C. et al. Os efeitos da iniciação esportiva na vida de crianças: o que a literatura vem apontando? **EFDeportes.com, revista digital**. Buenos Aires, ano 17, n. 173, 2012.

ROSO, Larissa. Indicada para transtornos como autismo, a terapia ABA tem alto custo mesmo com cobertura de planos de saúde. **GZH Vida**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 05 jan. 2023. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2023/01/indicada-para-transtornos-como-autismo-terapia-aba-tem-alto-custo-mesmo-com-cobertura-de-planos-de-saude-clcj5su2a002u0181pkpo7im2.html>>. Acesso em 11 fev. 2024.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **Considerações iniciais sobre o jiu jitsu brasileiro e suas implicações para a prática pedagógica**. In: Congresso Paulistano de Educação Física Escolar, 2009, Caraguatatuba. Anais. Caraguatatuba: CONPEFE, 2009.

Silva, L. D., & Cardoso, S. R. A influência do jiu-jitsu no desenvolvimento motor e cognitivo de crianças. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 33(4), 1-10, 2019.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 1, p. 116–131, 2009.

SILVA, N. C., & CARVALHO, B. G. E. Compreendendo o Processo de Inclusão Escolar no Brasil na Perspectiva dos Professores: uma Revisão Integrativa. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 23(2), 293–308, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000200010>>. Acesso:11 novembro 23.

SOUSA, Deborah Luiza Dias de et al. Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 1, p. 105-124, 2020.

SOUSA, Maysa Araujo et al. A inclusão de pessoas com deficiências nas práticas de esportes de combate. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 8, n. 2, p. 165-171, 2023.

UNICEF. **Há, no mundo, quase 240 milhões de crianças com deficiência, revela análise do UNICEF**. Disponível em: . Acesso em: 14 jan. 2024.

RÉDUA, Yago. **Confira 10 tópicos sobre a importância do Jiu-Jitsu infantil e como influencia a vida das crianças Tatame**. 2022. Disponível em: <<https://tatame.com.br/confira-10-topicos-importancia-do-jiu-jitsu-infantil/>>. Acesso:08 fevereiro 2024.



Apêndice A – Roteiro de perguntas via Google formulários

1. Nome completo?
2. Idade?
3. Você reside em Porto Alegre?
4. Você tem graduação superior?
5. Qual graduação você tem no Jiu-Jitsu Brasileiro?
6. Você tem conhecimento sobre Espectro Autista?
7. Você tem algum familiar com Espectro Autista?
8. Você ministra aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro a quantos anos?
9. Você tem alunos de 06 a 11 anos com Espectro Autista nas aulas de Jiu-Jitsu Brasileiro?
10. Você acredita que a prática do Jiu-Jitsu Brasileiro colabora com o processo de inclusão de crianças de 06 a 11 anos com Espectro autista?



Apêndice B – Roteiro de questões do questionário aberto online

Idade: _____ Sexo: _____

Série: _____

1. Professor, fale um pouco sobre sua carreira no Jiu-Jitsu Brasileiro e acadêmica?
2. Como é que tu começaste para a tua carreira no jiu-jitsu?
3. Qual é a tua experiência acadêmica?
4. Tu tens algum aluno com Espectro Autista de 05 a 11 anos?
5. Como tu organiza as aulas? Existe algum tipo de adaptação para eles?
6. Como tu faz o primeiro contato com a criança
7. Tu consegues observar já comportamentos positivos desde que ele é começou a fazer jiu-jitsu
8. Tu achas que o jiu-jitsu é uma boa uma ferramenta de desenvolvimento das crianças com TEA
9. Tu fizeste algum curso de formação para atender as crianças com TEA?
10. Tu sabes me dizer se eles fazem alguma outra forma de terapia como fonoaudióloga, terapia ocupacional e outros?
11. Tu precisas de monitor auxiliar para te ajudar nas aulas?
12. Quantas crianças com alguma deficiência tu consegues colocar em suas turmas regulares de Jiu-Jitsu?